

## Já vai submeter seu primeiro artigo científico a um *journal*? Leia esta notinha antes<sup>1</sup>

Claudio D. Shikida<sup>2</sup>

Paul Romer disse que ideias eram bens públicos e por isso ganhou o Nobel. A publicação científica é sempre alvo de polêmica quando se fala de taxas cobradas por alguns *journals*<sup>3</sup> no ato da submissão. Há algo que una os dois temas? Esta pequena nota mostrará ao estudante (e futuro pesquisador, creio!) como entender o problema. *Spoiler*: o processo editorial também é um bem público.

### O inexperiente pesquisador e a tripla submissão

Você terminou seu mestrado e seu orientador recomendou transformar sua dissertação (sobre externalidades?) em um artigo. Ótima ideia. Sempre proativo, você, em início de carreira, trabalhou algumas semanas e finalizou seu artigo.

Feliz com o resultado, orgulhoso, você se lembra dos periódicos que mais leu para sua dissertação e, ciente de que não é um novo Einstein, já dispensou o *American Economic Review*, mas considerou algumas ótimas opções brasileiras.

Conhecendo pouco do processo editorial, você pensa: por que não maximizar minha chance de publicação? Sendo assim, você escolhe cerca de três periódicos, lê por alto as normas de submissão e foca nas normas de formatação do texto, de citação, número de páginas e nem liga para outros detalhes.

Após algumas horas, agora um pouco nervoso porque formatar referências bibliográficas não é a sua especialidade, você tem três artigos idênticos, formatados conforme as regras de cada periódico, prontos para a submissão.

Mais alguns minutos e você submeteu o mesmo artigo em três diferentes periódicos. Ignorou, por exemplo, que um deles dizia, expressamente, na norma, que – provavelmente isto estava em negrito – “o autor afirma ser verdadeiro que o artigo submetido para esta revista não o foi em nenhuma outra”<sup>4</sup>.

Agora é a hora em que você, jovem pesquisador ávido e inexperiente, começará a enfrentar o pesadelo de esperar alguns dias (ou meses) para saber se o artigo será ou não aceito (e, com sorte, sem pedidos de revisão).

Passam-se os meses e a primeira resposta é uma rejeição. Decepção. Mais alguns meses e, na mesma semana, você recebe a notícia: os outros dois *journals* aceitaram. Você não percebe o tamanho da encrenca e manda uma mensagem orgulhosa ao seu orientador contando seu feito como se tivesse retomado Jerusalém dos muçulmanos.

Vamos saltar a parte mais quente da troca de mensagens<sup>5</sup> e apenas dizer que você foi obrigado a enviar uma mensagem bastante humilde e educada para um dos editores de um dos periódicos pedindo, desesperadamente, que a submissão fosse retirada.

---

<sup>1</sup> E, 09 de março de 2021. Versão 0.1.

<sup>2</sup> Alguém como você (sentiu a empatia?).

<sup>3</sup> Propositamente, neste texto, uso indistintamente os termos *jornal*, periódico, revista científica.

<sup>4</sup> Geralmente a redação é um pouco mais sintética e melhor redigida.

<sup>5</sup> Suponho que seu orientador seja uma pessoa séria. Muitos não o são e até encorajam este tipo de comportamento. Graças à democracia, o valor dele tem o mesmo voto que o seu e, nestas horas, a gente começa a pensar se isso deveria mesmo ser assim...

O final, geralmente, é feliz. Editores não costumam negar estes pedidos mas a pergunta central deste pequeno texto é: você tem noção do problema que criou?

### **A lógica econômica do processo editorial: externalidades existem!**

O pequeno caso relatado acima, fictício em princípio, reflete a realidade de muitos jovens pesquisadores mundo afora. A lição aprendida é duradoura porque ninguém gosta de enviar pedidos humildes para editores de revista mais de uma vez na vida<sup>6</sup>.

O leitor que almeja seguir carreira como pesquisador não pode se esquecer que um artigo científico é um bem público (não-rival e não-excludente) após ser publicado, mas não somente: o processo de análise de um artigo envolve, em si uma equipe. Assim, é necessário alinhar interesses para que o tempo seja investido de maneira ótima na análise de um artigo. Muito técnico? Explico.

O editor recebe seu artigo e, após verificar se o mesmo é digno do tempo de pareceristas, passa um tempo procurando nomes afins ao tema do mesmo para, então, pedir aos pareceristas que, sem remuneração alguma, invistam seu tempo na análise. Escolhidos os nomes, envia o convite na esperança de que os pareceristas aceitem. Não é difícil perceber que esta etapa pode levar algum tempo<sup>7</sup>. Supondo que tudo deu certo, seu artigo receberá algumas avaliações que podem significar a rejeição ou não. Muitas vezes serão pedidas correções.

Imagine, então, o transtorno causado quando, em qualquer momento deste processo, o editor recebe a envergonhada mensagem do autor. Não é desprezível, certo? Por isso vários periódicos cobram uma taxa por submissão. A taxa faz com que o autor pense duas vezes antes de sair por aí espalhando seu artigo. O custo deste ato é do autor e não dos editores. Daí a taxa.

Talvez você não goste das taxas. Bem, muitos editores não cobram taxas, mas certamente pesarão duas vezes antes de aceitar outra submissão sua<sup>8</sup>.

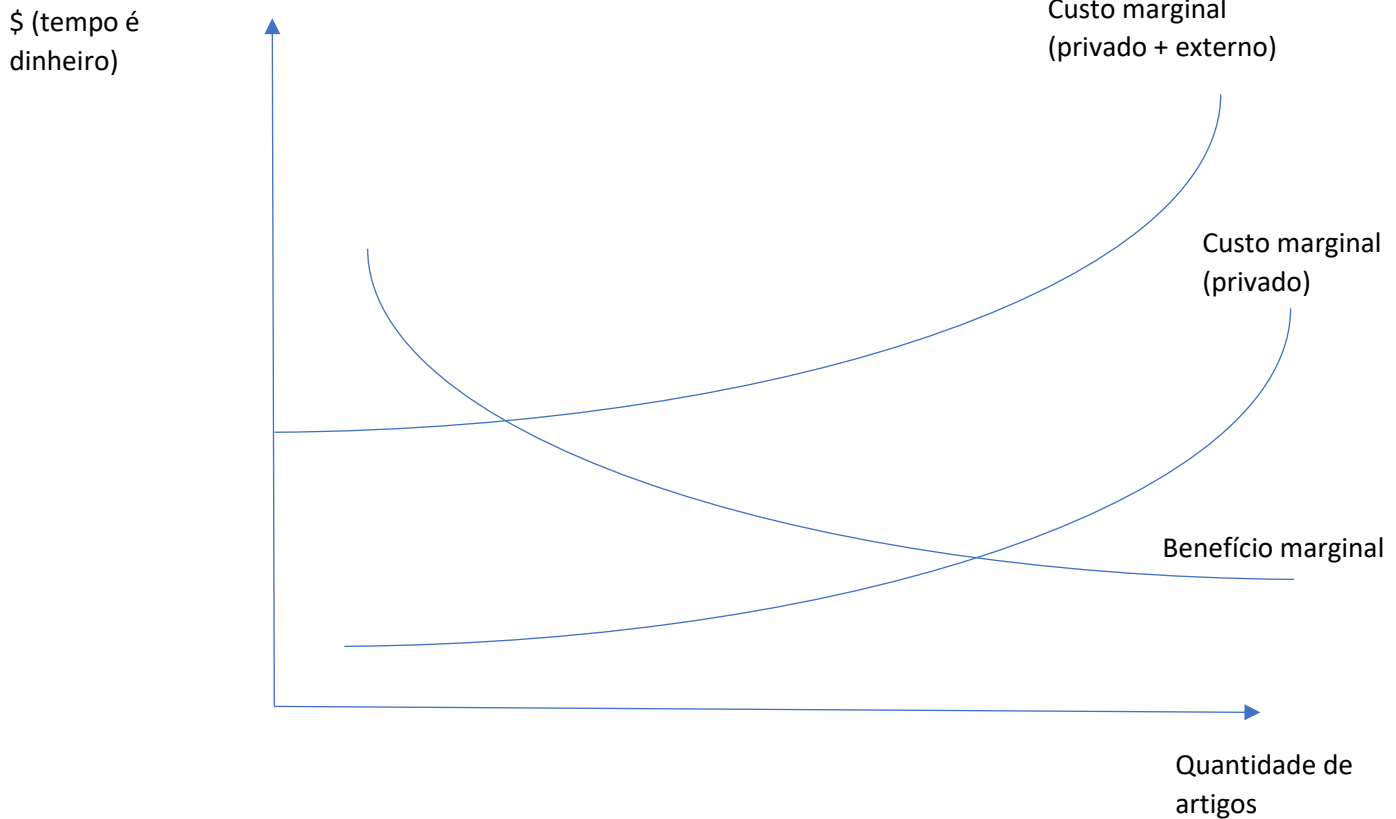
Para os que gostam de gráficos, eis aqui a representação gráfica deste problema. O autor enxerga o custo privado de investir um pouco mais de tempo em seus artigos, mas não o custo do trabalho dos pareceristas e editores. Assim, ele submete o mesmo artigo mais de uma vez enquanto, o socialmente ótimo seria que ele submetesse apenas em um *journal*.

---

<sup>6</sup> Mantenho o plural porque sempre há um distraído que passa por esta pedagógica experiência mais de uma vez porque, bem, porque alguns precisam passar por algumas experiências mais de uma vez para que o caráter seja moldado adequadamente para a vida em sociedade.

<sup>7</sup> Em alguns casos, há uma equipe prévia que divide o trabalho com o editor e, por óbvio, o problema do tempo não remunerado é o mesmo.

<sup>8</sup> Sim, as taxas podem servir para a remuneração dos pareceristas, editores etc.



Obviamente, faltou dizer que o jovem pesquisador deveria ser um pouco mais paciente – é difícil ser paciente até para quem não é muito jovem – e somente submeter para outro periódico após a rejeição de seu artigo no primeiro periódico<sup>9</sup>.

### Conclusão

Esta é foi uma brevíssima nota didática para uso em sala de aula. Alunos que desejam estudar mais podem pesquisar sobre *externalidades*. Alunos mais avançados no curso e/ou com pretensões no mundo da pesquisa podem aproveitar da lição deste texto para evitarem terem que depender da boa vontade de editores.

<sup>9</sup> Por isso é tão importante que editores e pareceristas sejam mais rápidos. Não é preciso correr como em uma maratona, mas também não faz sentido gastar seis meses na análise de um artigo de vinte páginas.